O IMPACTO DO USO INDEVIDO DE METILFENIDATO NO CONTEXTO ACADÊMICO: REVISÃO INTEGRATIVA

Ailana Freitas da Silva Santos[1]
Brenda Silva Araujo[2]
Hélvia Soares de Souza[3]
Ludmila Almeida Vaz Sampaio[4]
Jarlon Conceição da Costa[5]

RESUMO

Os psicoestimulantes, como o metilfenidato (Ritalina®) e a lisdexanfetamina (Venvanse®), são medicamentos usados para aumentar a motivação, a concentração e o desempenho cognitivo, além de possuírem efeitos antidepressivos. Embora amplamente usados no tratamento do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), seu uso inadequado, especialmente sem prescrição médica, tem crescido em ambientes acadêmicos, onde muitos estudantes recorrem a eles para aumentar o foco e prolongar o tempo de estudo. Embora não haja evidências de que os psicoestimulantes melhorem o desempenho cognitivo em indivíduos saudáveis, muitos usuários ignoram os riscos, como dependência e danos à saúde, incluindo complicações cardíacas, ansiedade, insônia e cefaleias. O objetivo do presente estudo é analisar o uso indevido de psicoestimulante (metilfenidato) no ambiente acadêmico e abordar seu mecanismo de ação, as principais causas desse uso, bem como os riscos associados. Esse estudo trata-se de um artigo de revisão de literatura, entre 2014 e 2024, com base em dados disponibilizados pela Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). A pesquisa revelou uma tendência preocupante de consumo de substâncias como o metilfenidato, principalmente com o objetivo de melhorar a performance cognitiva e enfrentar a privação de sono. Os dados mostraram que o consumo não prescrito de metilfenidato é mais comum entre homens e está associado a efeitos colaterais significativos, como dependência, ansiedade e outros problemas de saúde. O uso no ambiente acadêmico é preocupante e reflete o crescente impacto da medicalização em questões relacionadas ao desempenho estudantil como aumento de concentração, motivação e redução da necessidade de sono. Portanto, esses efeitos são acompanhados por sérios riscos principalmente quando utilizados por indivíduos sem condições médicas diagnosticadas.

Palavras-chave: Metilfenidato, TDAH, Psicoestimulantes, automedicação.

ABSTRACT

Psychostimulants, such as methylphenidate (Ritalin®) and lisdexamfetamine (Venvanse®), are medications used to increase motivation, concentration, and cognitive performance, in addition to having antidepressant effects. Although widely used in the treatment of attention deficit hyperactivity disorder (ADHD), their inappropriate use, especially without a prescription, has increased in academic environments, where many students turn to them to increase focus and extend study time. Although there is no evidence that psychostimulants improve cognitive performance in healthy individuals, many users ignore the risks, such as dependence and health damage, including cardiac complications, anxiety, insomnia, and headaches. The objective of the present study is to analyze the misuse of psychostimulants (methylphenidate) in the academic environment and address its mechanism of action, the main causes of this use, as well as the associated risks. This study is a literature review article, between 2014 and 2024, based on data made available by the Virtual Health Library (BVS). The

[1] Graduanda em Farmácia do Centro Universitário UniFTC-Salvador. *E-mail*:ailanafss@gmail.com
[2] Graduanda em Biomedicina do Centro Universitário UniFTC-Salvador. *E-mail*:brenda022615@hotmail.com
[3] Graduanda em Psicologia do Centro Universitário UniFTC-Salvador. *E-mail:* helviass@hotmail.com
[4] Graduanda em Psicologia do Centro Universitário UniFTC-Salvador. E-mail: lavsampaio@gmail.com
[5] Docente do Centro Universitário UniFTC-Salvador. E-mail: jarlon.costa@ftc.edu.br

research revealed a worrying trend in the consumption of substances such as methylphenidate, mainly with the aim of improving cognitive performance and coping with sleep deprivation. The data showed that non-prescription consumption of methylphenidate is more common among men and is associated with significant side effects, such as dependence, anxiety, and other health problems. Use in the academic environment is worrying and reflects the growing impact of medicalization on issues related to student performance such as increased concentration, motivation, and reduced need for sleep. Therefore, these effects are accompanied by serious risks, especially when used by individuals without diagnosed medical conditions.

Keywords: Methylphenidate, ADHD, Psychostimulants, self-medication.

1 INTRODUÇÃO

Os psicoestimulantes são medicamentos conhecidos por aumentar a motivação, o humor, a energia, a vigília e o desempenho cognitivo, além de possuírem propriedades antidepressivas que elevam a disposição. Também chamados de fármacos simpatomiméticos, essas substâncias imitam os efeitos fisiológicos da adrenalina, um neurotransmissor envolvido na estimulação simpática. Entre os principais psicoestimulantes estão o metilfenidato (Ritalina®) e a lisdexanfetamina (Venvanse®) (Sadock, 2015).

Embora frequentemente utilizados no tratamento do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), o uso inadequado desses medicamentos, sem prescrição médica, vem crescendo, especialmente entre indivíduos neuro típicos no ambiente acadêmico, o fenômeno da medicalização, processo que transforma questão não médicas em problemas médicos (Silva *et al*., 2012). Muitos recorrem a esses fármacos na tentativa de aumentar o foco e melhorar o desempenho nos estudos (Fardin e Piloto, 2015).

Segundo a American Psychological Association (2014), o TDAH é um distúrbio caracterizado por sintomas persistentes de desatenção, hiperatividade e impulsividade, que afetam negativamente o desempenho social, acadêmico ou profissional. A Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA) reforça que o TDAH é um transtorno neurobiológico com origem genética, manifestado principalmente na infância e mais comum em meninos. O transtorno pode se apresentar em três subtipos: desatento, hiperativo-impulsivo ou combinado, com graus de severidade variando de leve a grave.

O metilfenidato, popularmente conhecido como Ritalina®, é indicado no tratamento do TDAH e da narcolepsia. Esse medicamento atua no sistema nervoso central inibindo a recaptação de dopamina e noradrenalina, aumentando a atividade motora, a concentração e reduzindo a necessidade de sono (Goodman e Gilman,

2012). Contudo, devido ao seu potencial de abuso e dependência, a Organização Mundial das Nações Unidas (ONU) (2021) destacou a necessidade de controle rigoroso de seu uso (Goodman; Gilman, 2012).

Regulamentado pela Portaria n° 344/98, o metilfenidato integra a Lista A3, que controla medicamentos e substâncias de uso restrito. Recentemente, em maio de 2024, a Câmara dos Deputados aprovou o projeto de lei 3642/2023, que inclui o metilfenidato na lista de medicamentos fornecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (Brasil, 2024).

De acordo com os critérios diagnósticos do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5 para transtornos decorrentes do uso de estimulantes, a dependência pode comprometer a habilidade do indivíduo em lidar com responsabilidades e compromissos sociais (como os relacionados à família, amigos e trabalho). Além disso, para sustentar o abuso de substâncias psicotrópicas, é preciso consumir doses cada vez maiores para alcançar os mesmos efeitos, enquanto sinais físicos do abuso, como perda de peso e surgimento de pensamentos paranoides, se manifestam e tendem a se intensificar com o uso contínuo (Sadock *et al*.,2017).

O crescente uso não prescrito de psicoestimulantes, especialmente entre estudantes universitários, ocorre devido à percepção de que esses medicamentos podem melhorar a concentração e reduzir a fadiga, permitindo longas jornadas de estudo. No entanto, não há evidências de que essas substâncias melhorem o desempenho cognitivo em indivíduos saudáveis, porém muitos usuários podem não estar cientes dos riscos associados, como a dependência e os danos ao organismo (Maciel; Ramos*,* 2017).

O uso abusivo de psicoestimulantes pode acarretar sérios efeitos colaterais, como aumento da pressão arterial, ansiedade, insônia, alucinações e cefaleias, além de complicações cardíacas graves (Neto *et al.,* 2018). Estudos também apontam a cefaleia, perda de apetite, insônia e dores abdominais como os efeitos adversos mais comuns. Outros, como irritabilidade, náusea e taquicardia, também são relatados (Itaborahy e Ortega, 2013). Fatores de risco para o uso indevido incluem ambientes acadêmicos altamente competitivos, como cursos de medicina. Um estudo de Silveira *et al.* (2014) revelou que, entre 152 estudantes de medicina, 46,7% se sentiam pressionados pelas obrigações acadêmicas.

Além dos impactos físicos, o uso inadequado pode causar sérios efeitos psicológicos, como ansiedade e paranoia, que prejudicam os relacionamentos

interpessoais e o desempenho social. A insônia também pode agravar sintomas de fadiga e irritabilidade, enquanto a desregulação emocional pode afetar a autoestima e a confiança do indivíduo, criando um ciclo vicioso de dependência. Estudos como o de Andrade *et al.* (2018) apontam que os efeitos adversos superam os benefícios, considerando os riscos ao sistema cardiovascular, endócrino e o potencial de dependência física e psicológica.

O uso indiscriminado de estimulantes pode levar ao desenvolvimento de diversos transtornos, como psicose, transtornos de humor, ansiedade, transtorno obsessivo-compulsivo, disfunções sexuais e problemas relacionados ao sono (Sadock *et al*.,2017).

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar o uso indevido de psicoestimulantes no ambiente acadêmico, com ênfase no metilfenidato. Serão abordados seu mecanismo de ação, as principais causas desse uso, bem como os riscos associados, incluindo a dependência e os efeitos colaterais físicos e psicológicos.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um artigo de revisão bibliográfica integrativa, que, conforme descrito por Mendes, Silveira e Galvão (2008), é uma metodologia que analisa estudos disponíveis em diversas plataformas, com o objetivo de avaliar esses dados para complementar as ideias e os temas abordados nos estudos selecionados.

Para a seleção dos artigos, foi realizada uma busca entre agosto, setembro e outubro de 2024, utilizando a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scielo e Pubmed. Durante a pesquisa, foram empregados os descritores: TDAH, metilfenidato e usos, automedicação, uso acadêmico. Além disso, foi adotada a busca avançada, com o uso do operador booleano AND, conforme os seguintes termos: “TDAH AND Automedicação”, “Automedicação AND Metilfenidato”, “Metilfenidato AND TDAH”, “Metilfenidato AND Usos”, “Metilfenidato AND uso acadêmico”, “Psicoestimulantes AND uso acadêmico.

A pesquisa considerou artigos publicados nos últimos 10 anos, incluindo aqueles entre 2014 e 2024, que estivessem disponíveis em texto completo, em português ou inglês, de forma gratuita e integral na plataforma pesquisada. Foram

excluídos artigos duplicados, com metodologia de revisão bibliográfica ou que não se relacionassem diretamente com a temática abordada.

Na busca inicial, foram encontrados 116 artigos. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 10 artigos foram selecionados para dar continuidade à pesquisa e compor esta revisão. As principais informações desses estudos serão apresentadas a seguir em um quadro que sintetiza as características mais relevantes dos estudos incluídos nesta revisão integrativa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O quadro-síntese mostra os resultados da revisão integrativa que aborda os estudos incluídos neste estudo sobre o impacto do uso indevido de metilfenidato no contexto acadêmico.

Quadro 1. Quadro-síntese das características dos estudos incluídos na revisão integrativa.

Autor e ano de publicação	Objetivo	Tipo de estudo	Resultados
Silveira *et al*. (2014).	Avaliar a prevalência do uso do metilfenidato entre estudantes do 5º e do 6º ano de uma faculdade de medicina, discriminar o uso com ou sem indicação médica e correlacionar o uso de metilfenidato com a ingestão de álcool.	Estudo transversal.	Cinquenta e dois participantes (34,2%) já haviam usado metilfenidato, sendo que 35 destes (23,02%) utilizavam a substância sem indicação médica. O número de estudantes do 6º ano de medicina que fizeram uso não prescrito de metilfenidato foi duas vezes maior do que o número de estudantes do 5º ano (32,89 versus 13,15%, respectivamente).
Morgan *et al.* (2016).	Investigar o uso de substâncias estimulantes entre estudantes de Medicina da Universidade	Estudo quantitativo observacional do tipo transversal.	Estudantes de Medicina recorrem a substâncias estimulantes, especialmente para

	Federal do Rio Grande, os motivos de uso e o perfil dos usuários.		melhorar a performance cognitiva. Embora muitos considerem eficazes, esses estimulantes podem ser prejudiciais à saúde e impactar negativamente a prática médica.
Cândido *et al* (2019).	Estimar a prevalência e os fatores associados ao uso de metilfenidato para neuro aprimoramento entre estudantes universitários.	Estudo descritivo transversal.	O uso de metilfenidato por universitários para aprimorar o desempenho cognitivo é comum. É necessário entender melhor esse comportamento e implementar políticas de controle para evitar o uso excessivo e seus riscos.
Santana *et al.* (2020).	Analisar o uso de substâncias psicoativas por estudantes de graduação e pré-vestibulandos, de Montes Claros-MG.	Estudo quantitativo transversal.	O uso de psicoestimulantes é mais frequente entre pré-vestibulandos do que entre universitários. O uso prolongado pode causar dependência, e é importante o apoio psicopedagógico para prevenir e tratar esses efeitos.
Rodrigues *et al* (2021).	Investigar conhecimentos, motivações, percepções e perfil de uso não prescrito desse medicamento por estudantes de uma Universidade Federal de Minas Gerais.	Aplicação de questionário estruturado e análise descritiva.	O uso não prescrito de metilfenidato é comum entre estudantes universitários, especialmente para melhorar o desempenho acadêmico. Muitos relatam efeitos colaterais, e esse consumo é mais frequente entre homens
Teixeira *et al* (2021).	Avaliar o uso de estimulantes do sistema nervoso central por estudantes de saúde do município de Serra Talhada/PE.	Estudo transversal, com abordagem quantitativa.	O uso excessivo de psicoestimulantes está crescendo no ambiente acadêmico, o que pode afetar a saúde mental e física, incluindo dependência e outros problemas. Estratégias preventivas são

			necessárias para reduzir esses riscos.
Neves *et al.* (2022).	Demonstrar como o crescimento no consumo de estimulantes, seja por sujeitos em tratamento médico ou não, está relacionado aos processos de socialização hegemônicos nas sociedades capitalistas atualmente.	Articulação do contexto apresentado com os conceitos da psicanálise lacaniana.	O aumento do uso de estimulantes está relacionado com a pressão por alta performance promovida pela sociedade neoliberal, tanto para tratar condições como o TDAH quanto para melhorar a cognição, afetando a identidade dos indivíduos.
Meiners *et al.* (2022).	Analisar o uso de metilfenidato entre universitários através de um estudo descritivo realizado em duas etapas.	Estudo descritivo realizado em duas etapas: quantitativa e qualitativa.	A utilização de metilfenidato sem prescrição médica entre universitários é frequente, com muitos acreditando que melhora seu rendimento acadêmico, embora também relatem efeitos negativos e dificuldades no acesso legal ao medicamento.
Nasário *et al.* (2022).	Investigar a relação entre o uso não prescrito de metilfenidato e o desempenho acadêmico de estudantes de medicina de uma universidade do sul de Santa Catarina.	Pesquisa descritiva com abordagem quantitativa.	Um estudo com estudantes de Medicina revelou que 17,3% já usaram metilfenidato sem prescrição, principalmente para melhorar a concentração. No entanto, não houve melhoria significativa no desempenho acadêmico dos usuários em comparação aos não usuários.
Oliveira *et al.* (2023).	Analisar o uso de Psicoestimulantes por estudantes do curso de Medicina em um Centro Universitário Privado.	Estudo descritivo quantitativo com delineamento transversal.	O uso de psicoestimulantes, como cafeína e metilfenidato, é frequente entre estudantes de Medicina, especialmente nos primeiros anos. Isso está relacionado à busca por

			melhor desempenho acadêmico e ao enfrentamento da privação de sono, destacando a necessidade de intervenções preventivas.

Considerando os resultados apresentados nos estudos incluídos nesta revisão integrativa sobre o impacto do uso indevido de psicoestimulantes, observa-se que, dos 10 artigos selecionados, 9 discutem esse uso no contexto acadêmico. Há um consenso entre os autores de que o objetivo principal do uso de estimulantes nesse ambiente é melhorar o raciocínio, a atenção e/ou a memória, com vistas ao aprimoramento do desempenho acadêmico. Além disso, destacam que os homens representam o grupo predominante entre os usuários, e que, na maioria dos casos, o uso do medicamento ocorreu sem prescrição médica, muitas vezes motivado pela recomendação de amigos ou de pessoas que já utilizavam. Observou-se também que a maioria dos usuários iniciou o consumo durante a graduação.

Conforme apontado na literatura, o aumento do consumo de metilfenidato entre estudantes tem sido descrito como uma forma de "doping intelectual". Estudos realizados por Morgan *et al*. (2016), Cândido *et al*. (2019), Santana *et al*. (2021), Teixeira *et al*. (2021), Rodrigues *et al*. (2021), Nasário *et al*. (2022), Meiners *et al*. (2022) e Oliveira *et al*. (2023) destacam que os principais benefícios relatados pelos usuários incluem a redução do sono e do cansaço, além da melhora na concentração e no raciocínio, o que, consequentemente, leva a um aumento no rendimento acadêmico.

Os estudos de Cândido et al. (2019), Rodrigues *et al.* (2020), Santana *et al.* (2021), Teixeira *et al*. (2021), Meiners *et al*. (2022) e Oliveira *et al*. (2023) confirmam, com base na literatura, que o uso inadequado e prolongado de metilfenidato pode levar à dependência química e física, além de acarretar riscos cardiovasculares, transtornos de ansiedade e outros distúrbios psicológicos. Essas alterações impactam diretamente a funcionalidade física e mental do indivíduo, influenciando negativamente sua qualidade de vida, sua capacidade de realizar atividades cotidianas e sua sociabilidade.

Silveira *et al.* (2014) avaliou a prevalência do uso de metilfenidato entre estudantes de medicina do 5º e 6º ano em uma Universidade de Porto Alegre/RS. O estudo investigou a utilização sem indicação médica, correlacionando com a ingestão de álcool. 34,2% já haviam feito uso da substância, dos quais 23,02% o fizeram sem indicação médica. Os estudos também confirmaram a associação entre o uso não médico de Metilfenidato e o uso potencialmente perigoso de álcool.

Os estudos de Cândido *et al*. (2019), Santana *et al*. (2020) e Oliveira *et al*. (2023) e Rodrigues *et al*. (2021) foram realizados em Universidades de Minas Gerais. O estudo de Cândido *et al*. (2019), teve como objetivo estimar a prevalência e os fatores associados ao uso de metilfenidato para neuroaprimoramento entre estudantes universitários em Belo Horizonte/MG. Para isso, foi aplicado um questionário online, no qual 378 alunos participaram. Desses, 5,8% relataram ter utilizado o metilfenidato, e 27% não possuíam prescrição médica para o uso do medicamento. Já Santana *et al*. (2020), destaca que a transição dos jovens para o ambiente acadêmico resulta em mudanças significativas no estilo de vida e nos hábitos, o que os torna mais vulneráveis ao uso de substâncias psicoativas. Na pesquisa conduzida com 348 estudantes em Montes Claros/MG, 53% relataram o uso de algum psicoestimulante.

Por sua vez, Oliveira *et al*. (2023) investigaram 244 estudantes em Ubá/MG e observaram que 57,4% faziam uso de psicoestimulantes, atribuindo esse comportamento à carga horária intensa de aulas, exigências de produtividade e altos níveis de estresse. Rodrigues *et al*. (2021) realizaram estudos com 696 estudantes de uma universidade em Divinópolis/MG, onde 50% dos estudantes que utilizaram o metilfenidato relataram efeitos colaterais indesejados.

Um estudo realizado por Meiners *et al*. (2022) analisou o uso de metilfenidato entre universitários da área de Saúde em Ceilândia/DF, revelando que, dos 337 participantes,14,5% relataram o uso da substância, sendo a maior parte deles, sem prescrição e após a entrada na Universidade. No estudo realizado por Nasário e Matos (2022) foram entrevistados 243 estudantes de uma universidade da cidade de Tubarão/SC, dos quais 17,3% relataram ter utilizado o medicamento ao menos uma vez com o objetivo de aprimorar a cognição. Enquanto, Morgan *et al*. (2020) investigaram 200 estudantes de medicina, da Universidade de Rio Grande/RS, revelando que 80% dos participantes utilizavam o medicamento, frequentemente em combinação com cafeína e outros estimulantes energéticos.

O estudo de Neves e Souza (2022) propôs uma análise social sobre o uso de metilfenidato entre estudantes, destacando os processos de socialização hegemônicos nas sociedades capitalistas contemporâneas. Os autores abordam os conceitos da psicanálise lacaniana, discutindo a patologização e a medicação da existência na atualidade. A pesquisa sugere que o discurso médico-científico se articula com o discurso capitalista, e que os psicoestimulantes são frequentemente vistos como soluções rápidas para melhorar o desempenho, atendendo às demandas das sociedades neoliberais.

Todos os autores mencionados destacam os desafios enfrentados pelos estudantes universitários, que estão constantemente pressionados a alcançar um desempenho superior. Como uma solução para lidar com essa pressão, muitos recorrem à automedicação. Os pesquisadores alertam sobre os riscos associados a essa prática e enfatizam a necessidade de políticas públicas para conter esse comportamento. A automedicação é entendida como o ato de um indivíduo ingerir medicamentos sem a orientação e o acompanhamento de um profissional de saúde qualificado para prescrevê-los.

O crescimento do uso de psicoestimulantes para fins de neuroaprimoramento é um fenômeno real e cada vez mais preocupante. Segundo Cândido *et al*. (2019), Teixeira *et al*. (2021), Rodrigues *et al.* (2020) e Santana *et al*. (2021), a medicalização representa uma questão de saúde pública, principalmente devido ao fácil acesso a medicamentos que deveriam ser controlados e destinados exclusivamente a pessoas com diagnóstico específico. O uso abusivo desses medicamentos também está ligado a fatores econômicos e sociais. Os autores defendem a necessidade de ampliar a conscientização no ambiente acadêmico, tanto entre alunos quanto professores, além de oferecer suporte psicopedagógico aos estudantes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso indevido de psicoestimulantes, como o metilfenidato, no ambiente acadêmico é um fenômeno preocupante que reflete o crescente impacto da medicalização em questões relacionadas ao desempenho estudantil. Os psicoestimulantes promovem aumento de concentração, motivação e redução da necessidade de sono. Esses efeitos, no entanto, são acompanhados por sérios riscos principalmente quando utilizados por indivíduos sem condições médicas

diagnosticadas. A percepção de que o metilfenidato pode melhorar o rendimento cognitivo em pessoas saudáveis é errada e perigosa.

A atuação interprofissional é fundamental para conscientizar a sociedade sobre os riscos e impactos desse uso inadequado. Profissionais da psicologia podem contribuir oferecendo suporte e intervenções que abordem as raízes emocionais e psicológicas que levam ao uso de psicoestimulantes, como a pressão por resultados e a busca por aprovação. Ao desenvolver estratégias para lidar com o estresse e a ansiedade, os psicólogos ajudam a promover métodos saudáveis para melhorar o desempenho, como técnicas de organização, *mindfulness* e apoio psicoterapêutico além de conscientizar sobre os efeitos psicológicos adversos do uso abusivo, que incluem ansiedade, paranoia, insônia e comprometimento do bem-estar social e emocional.

A área da farmácia, apresenta o conhecimento necessário para esclarecer sobre o mecanismo de ação dos psicoestimulantes, como o metilfenidato, que atua inibindo a recaptação de dopamina e noradrenalina, estimulando o sistema nervoso central, orientando sobre os riscos do uso não supervisionado, que vão desde efeitos cardiovasculares até a dependência, reforçando a importância do acompanhamento médico. Além disso, esses profissionais são fundamentais no controle da dispensação desses medicamentos, especialmente considerando que o metilfenidato é um fármaco com potencial de abuso e regulamentado por lei.

A biomedicina tem um papel importante nesse processo sobre os efeitos e as alterações que o uso de psicoestimulantes pode causar no organismo. Estudos demonstram que o uso inadequado do metilfenidato pode causar impactos no sistema cardiovascular, endócrino e imunológico. Dessa forma, a biomedicina fornece evidências científicas sobre os riscos à saúde associados ao uso indevido, auxiliando na conscientização e no desenvolvimento de políticas públicas de prevenção e intervenção.

Uma abordagem interprofissional tem grande relevância na prevenção do uso inadequado de psicoestimulantes, oferecendo alternativas saudáveis para o enfrentamento dos desafios acadêmicos e reduzindo o impacto negativo dessas substâncias na saúde mental e física dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L., GOMES, A. P., NUNES, A. B., RODRIGUES, N. S., LEMOS, O., RIGUEIRAS, P. O.; FARIAS, L. R. Ritalina, uma droga que ameaça a inteligência. **Revista de Medicina e Saúde de Brasília**, v. 7, n. 1, 2018.

BARROS, D.; ORTEGA, F. Metilfenidato e aprimoramento cognitivo farmacológico: representações sociais de universitários. **Saúde e Sociedade**, v. 20, n. 2, p. 350–362, 2011.

CÂNDIDO, G. D. S.; TEIXEIRA, J. P. D.S.T.; PRINCIPE, L. G. T.; TERTO, M. V. M.; ROQUE, V. M. A.; LIMA, V. D. S.; SILVA, V. C. D. Uso de estimulantes do sistema nervoso central por estudantes de saúde do sertão de Pernambuco. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 95, n. 36, 2021.

CÂNDIDO, R. C. F.; PERINI, E.; PÁDUA, C. M. D.; JUNQUEIRA, D. R. Prevalência e fatores associados ao uso de metilfenidato para neuroaprimoramento farmacológico entre estudantes universitários. **Einstein Journal**, v. 18, p. eAO4745, 2019.

FARDIN, C. E.; PILOTO, J. A. D. R. Uso indiscriminado do metilfenidato para o aperfeiçoamento cognitivo em indivíduos saudáveis. **Uningá Review**, v. *23*, n.3, 2015.

GOODMAN, L. S.; GILMAN, A. G. **As bases farmacológicas da terapêutica,** 12ª ed. AMGH, 2012.

ITABORAHY, O; ORTEGA, F. O metilfenidato no Brasil: uma década de publicações. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, v.18, n. 3, 2013.

MACIEL, J. M. M. P.; RAMOS, A. G. B. Uso não prescrito de cloridrato de metilfenidato entre estudantes universitários. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, Cajazeiras, n. 2, suplementar, p. 514 - 524, set. de 2017.

MEINERS, M. M. M. D. A.; BARBOSA, B. A. D. S.; SANTANA, M. G. L.; GERLACK, L. F.; GALATO, D. Percepções e uso do metilfenidato entre universitários da área da saúde em Ceilândia, DF, Brasil. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 26, e210619, 2022.

MORGAN, H. L.; PETRY, A. F.; LICKS, P. A. K.; BALLESTER, A. O.; TEIXEIRA, K. N.; DUMITH, S. C. Consumo de estimulantes cerebrais por estudantes de medicina de uma universidade do extremo sul do Brasil: prevalência, motivação e efeitos percebidos. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 41, p. 102-109, 2017.

NASÁRIO, B. R.; MATOS, M. P. P. Uso não prescrito de metilfenidato e desempenho acadêmico de estudantes de medicina. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, e 235853, 2022.

NETO, F. D. C. C. D. V.; FEITOSA, A. D. N. A.; SARMENTO, T. D. A. B.; RIBEIRO, A. G. F.; O uso não prescrito de metilfenidato entre acadêmicos de medicina. **Revista Interdisciplinar em Saúde**, Cajazeiras, 5 (4): 759-773, jul./set., 2018.

NEVES, T. I.; SOUZA, V. J. D. L. Patologia do desempenho: TDAH, drogas estimulantes e formas de sofrimento no capitalismo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, e 236353, 2022.

OLIVEIRA, F. S.; DUTRA, H. F.; FÓFANO, G. A. Consumo de psicoestimulantes por estudantes de medicina em um centro universitário privado. **Revista científica da Escola Estadual de Saúde Pública de Goiás "Cândido Santiago**", v. 9, p. 1-15, 2023.

RODRIGUES, L. D. A.; VIANA, N. A. O.; BELO, V. S.; GAMA, C. A. P. D.; GUIMARÃES, D. A. Uso não prescrito de metilfenidato por estudantes de uma universidade brasileira: fatores associados, conhecimentos, motivações e percepções. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 29, n. 4, p. 463-473, 2021.

SADOCK, B.; SADOCK, V. A.; SUSSMAN, N. **Manual de farmacologia psiquiátrica de Kaplan & Sadock**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.

SADOCK, B. J.; SADOCK V. A.; RUIZ, P. **Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica.** Porto Alegre: Artmed, 11. ed., 2017.

SANTANA, L. C.; RAMOS, A. N.; AZEVEDO, B. L. D.; NEVES, I. L. M.; LIMA, M. M.; OLIVEIRA, M. V. M. D. Consumo de estimulantes cerebrais por estudantes em instituições de ensino de Montes Claros, MG. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, e36, 2020**.**

SILVA, A. C. P.; LUZIO, C. A.; SANTOS, K. Y. P. D.; YASUI, S.; DIONISIO, G. H. A explosão do consumo de ritalina. **Revista de Psicologia da UNESP** 11(2), 2012.

SILVEIRA, R. D. R.; LEJDERMAN, B., FERREIRA, P. E. M.S.; ROCHA, G. M. P. D.; Padrões do uso não médico de metilfenidato em estudantes do 5º e do 6º ano de uma faculdade de medicina do Brasil**. Revista Trends in Psychiatry and Psychotherapy**, v. 36, p. 101-106, 2014.